

Quando a escola vai até o hospital

Programa auxilia alunos durante as internações médicas

No movimentado corredor da pediatria do Hospital Regional de Ceilândia há uma porta especial. Ao atravessá-la, pequenos pacientes tomam um remédio de efeito quase imediato, capaz de transformar hospital em escola, dor em sorriso, convalescença em brincadeira de criança.

O cenário ajuda. Boa parte da família Disney está lá, na parede, em paisagem bucólica. Mesa de botão, blocos de montar, alguns dos 101 dálmatas desgarrados e a encantadora Hello Kitty também povoam o visual do pequeno quarto. Três mesas quadradas baixas, com quatro cadeiras cada, convidam à permanência. De filhos e respectivos acompanhantes.

Depois de ajustar o foco do olhar, Daniel Pereira da Silva fixa-se nos bloquinhos. Pelo menos enquanto aguarda o dever. Aos oito anos, é aluno da primeira série do ensino fundamental. Está no hospital há cinco dias. De acordo com a mãe, Ana Cláudia, por conta de uma crise de asma. Mas nem por isso fica defasado em relação aos colegas.



No hospital, a professora Andrea Lucena da Silva estimula Daniel Pereira da Silva a estudar

REFORÇO NECESSÁRIO - A responsável por mantê-lo em dia é Andrea Lucena da Silva. A professora de 29 anos tem ciência de seu papel: preencher lacunas num aprendizagem que sofreu um lapso inesperado. Sabe disso e não troca o emprego de 20 horas semanais por nada. "Sei que normalmente não alfabetizo ou faço o caminho completo, mas ajudo os meninos a não perder foco, a não reprovar. Vale a pena", afirma.

As classes hospitalares, nome de batismo desses espaços, não estão apenas em Ceilândia. Há outras dez em unidades de saúde do DF. O foco

e o objetivo são os mesmos, dentro da política de inclusão social de estudantes com necessidades especiais. E as conseqüências transcendem a área pedagógica. "Ao entrar aqui eles ficam desarmados, menos resistentes inclusive aos medicamentos", comenta uma enfermeira.

AUXÍLIO AO TRATAMENTO - De fato, é comum as crianças chegarem ali e deixarem as mãos pendurarem o frasco com soro em ganchos que pendem do teto. Ficam lá tão entretidas nas brincadeiras que tomam um ou outro remédio servido pelas "tias" que entram e saem do local como se fossem parte do processo lúdico.

A atitude de Andrea auxilia. No início, ela trabalhava de jaleco. Com o tempo, percebeu que o uniforme a transformava em doutora ou enfermeira em potencial. Mudou. Adotou cores mais vibrantes. A alteração repercutiu imediatamente. "Assim, além da minha função de professora, acabo sendo um apoio indireto ao corpo médico".

CUIDADOS ESPECIAIS - Para determinar em que fase do currículo o aluno se encaixa, a professora formada em educação física pela Universidade Católica de Brasília tem em mãos o programa dos quatro primeiros anos do ensino fundamental.

Mais eficiente, porém, é conversar com crianças e mães para saber em que parte do aprendizado pararam e, quando necessário, comunicar-se com a unidade de ensino em questão para se inteirar. Até provas podem ser feitas sob sua supervisão. "Não é minha especialidade, mas quando é necessário um acompanhamento de quinta a oitava séries, também faço", explica Andrea.

Assim, enquanto sonha em voltar a marcar gols no seu campo de futebol preferido, Daniel pinta. Desenha. Faz deveres. E se mantém em dia com o ritmo da escola, ao mesmo tempo em que participa ativamente do processo de cura.